

História da literatura marginal e periférica:

Notas preliminares para uma micro-história literária nos territórios vulnerabilizados

*History of marginal and peripheral literature:
Preliminary notes for a literary micro-history in
vulnerable territories*

Jucelino de Sales¹

Resumo: A ligação e interdependência terminológica entre os dois termos – marginal e periférica – como disputa conceitual para nominar a literatura produzida em territórios vulnerabilizados consiste em horizonte teórico tanto para contestar o território extremamente homogêneo da literatura de cânone, como para demarcar um posicionamento político e estético em defesa da ampliação da atividade literária. Disputar o conceito de literatura marginal e periférica e explicitar sua densidade histórica, sua partilha sensível e seu fazer participativo constitui visada necessária para o revisionismo e a reformulação da ideia ultrapassada de literatura nacional depositária dos velhos e antiquados manuais de literatura. Constitui também a atualização do *modus operandi* para a renovação de uma história da literatura brasileira baseada no direito político à literatura, com legitimidade e bem-estar de promoção à saúde, e em defesa da fluida diversidade literária. E abre-se o campo para a apresentação e representação de uma micro-história literária da literatura marginal e periférica.

Palavras-chave: literatura marginal e periférica; territórios vulnerabilizados; micro-história.

¹ Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (2020). Professor de Educação Básica da SEEDF e Pesquisador da FAPDF. Contato: disallesart@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8176-5085>

Abstract: The connection and terminological interdependence between the two terms – marginal and peripheral – as a conceptual dispute to name the literature produced in vulnerable territories consists of a theoretical horizon both to challenge the extremely homogeneous territory of canon literature, and to demarcate a political and aesthetic position in defense of the expansion of literary activity. Disputing the concept of marginal and peripheral literature and making explicit its historical density, its sensitive sharing and its participatory work constitutes a necessary aim for revisionism and the reformulation of the outdated idea of national literature, depository of the old and antiquated manuals of literature. It also constitutes the updating of the modus operandi for the renewal of a history of Brazilian literature based on the political right to literature, with the legitimacy and well-being of health promotion, and in defense of the fluid literary diversity. And the field is opened for the presentation and representation of a literary micro-history of marginal and peripheral literature.

Keywords: marginal and peripheral literature; vulnerable territories; microhistory.

Boitata, Londrina, 2024
Recebido em: 21/03/2024
Aceito em: 08/05/2024



História da literatura marginal e periférica: Notas preliminares para uma micro-história literária nos territórios vulnerabilizados

Jucelino de Sales

Introdução: a literatura feita à margem²

Somos a rebelião desse sistema, somos Poesia nas Quebradas, somos Marginais. (Carmo *et al.*, 2023, p. 13).

Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional (Ferréz, 2005 p. 2).

Marginal e Periférica: é possível uma ligação e interdependência terminológica entre os dois termos como disputa conceitual para nominar a literatura produzida em territórios vulnerabilizados e, com isso, contestar um território extremamente homogêneo para demarcar um posicionamento político, com a legitimação de um *ethos* em defesa da ampliação do fazer literário e, conseqüentemente, do direito à literatura?

A intelectual Regina Dalcastagnè (2012, p. 5), em sua obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, pondera que nesse território em disputa – o espaço literário brasileiro –, “o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”. Ela frisa que a disputa pelo espaço, seja sua inscrição no mapa social ou numa narrativa, gera as fricções, fraturas e distanciamentos que posicionam no centro a literatura consagrada no cânone estabelecido e delegam às margens a literatura produzida à margem. E constata: “são essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão” (Dalcastagnè, 2012, p. 11).

A preocupação com o lugar de fala – acesso à voz e representação dos múltiplos grupos sociais – conforme reporta Dalcastagnè, é agenda que vem sendo apropriada e enfrentada pelos estudos literários contemporâneos. O debate se acirra em torno dos grupos marginalizados a partir de dicotomias como identidade coletiva *versus* individualidade, cultura dominante *versus* valorização negativa da efervescência multicultural, e critérios e descritores identitários como gênero, cor, etnia, orientação sexual.

Embora a disposição organizacional do campo literário esteja sendo contestada, a partir de fraturas de reposicionamentos que visam reconfigurar o sistema, significativas tensões se estabelecem no território em disputa. Tensões

² Esse trabalho é fruto de pesquisas ligadas à rede de coletivos literários Periferia Brasileira de Letras, em cooperação com a Fiocruz, e o pesquisador conta com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), onde desenvolve o Projeto de Pesquisa: *Papo reto na escola: arte, cultura e literatura*.



[...] entre a ‘autenticidade’ do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (Dalcastagnè, 2012, p. 17).

A estudiosa assevera que nessa geografia do território contestado, e que é válido para pensarmos o cômputo da literatura marginal e periférica “está em questão a diversidade das percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala” (Dalcastagnè, 2012, p. 18).

Partindo da constatação de Dalcastagnè (2012, p. 18) de que “na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares”, imbuímos apresentar em seu posicionamento a falha que leva a uma contradição, relegando ao apagamento as literaturas em efervescência que derivam das rodas de slams, batalhas de rima, oralituras, literaturas, teatros de rua, editoras independentes, bibliotecas comunitárias, literatura digital, entre outras formas, múltiplas e divergentes, do fazer literário. E averiguar na afirmação da pesquisadora um equívoco descritivo, que resulta do pensamento sociológico sistematizado: percepção que relaciona a literatura ao texto escrito e publicado que atinge a repercussão pública, por meio da vendagem de livros. Dogma posicionado na condição *sine qua non*, isto é, indispensável, de usual consolidação do espaço literário, segundo a antiga fórmula e ainda em plena execução, preposta por Antonio Candido: autor/obra/leitor, que nossa contemporaneidade, com a amplitude das formas do fazer literário, roga a exigência de sua problematização, reconfiguração e superação.

A precedência do termo “marginal” na história da literatura (ou história literária) remonta à conhecida geração do mimeógrafo cujos construtos poéticos assumiram, em sua plasticidade, a identidade de poesia marginal. Embora à margem do cânone literário, e opositores críticos do dispositivo canônico, seus expoentes poéticos eram oriundos da classe média, com acesso aos bens culturais, logicamente, distantes dos viventes em territórios vulnerabilizados.

O termo, portanto, datado, não obstante foi retomado pelo *boom* de escritores periféricos emergente nos anos 1990, com nomes como Ferréz e Sérgio Vaz despontando na batuta da vanguarda, que se apropriam do qualificativo e o lapidam a partir de suas experiências estéticas ligadas intrinsecamente ao local de origem e, sobretudo, fronteira limiar da atividade literária e do ativismo social e cultural que empreendem: a periferia.

O termo, embora sua concepção estética não diste longamente na duração histórica, afinal sua apropriação nessa clivagem provém apenas de algumas décadas, já é, sobremaneira, consagrado na teoria e crítica literárias, e acumula algumas inflexões, torneios, enxertos, perdas e derivações.

Logo na introdução de seu trabalho dissertativo – estudo seminal para aproximação compreensiva desse campo –, Érica Nascimento (2006, p. 1) pontuou que o termo inflou e culminou em diferentes significações, originando um terreno nebuloso de entendimento e definições,

Isso porque a expressão ‘literatura marginal’ serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de



escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como ‘marginais’.

A terminologia, circunstanciada na fortuna crítica, aparece subscrita ora como literatura “marginal”, ora como literatura “periférica”, ora também como “marginal (periférica)”, ora ainda como “marginal ou periférica”, mas também “marginal/periférica” e ainda “marginal periférica” (sem hífen), numa silepse linguística de alternância [ou...ou], e por vezes, de conjunção somativa, mas sem alteração aditiva, flexionando a carga semântica dos dois vetores de caracterização para subsumir a mesma ideia, embora essa ideia dimensionada num espelhamento pleonástico (nos casos em que aparecem juntos os dois adjetivos) não esteja clara, denotada, objetiva. Acrescentem-se ainda as denominações, literatura da periferia e literatura divergente, entre outras. Há um problema de densidade epistemológica, teórica e metodológica para a conjugação de seus pressupostos explicativos.

Em suas averiguações sobre a questão, Nascimento (2006, p. 18) propôs uma alternativa, cunhando a expressão “literatura marginal dos escritores de periferia” que singulariza os “textos produzidos por escritores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos que poderiam ser classificados como ‘literatura marginal’; como para diferenciá-los das obras dos ditos poetas marginais setentistas”. Ela também reconfigura com o que nomina como “nova geração de escritores marginais”, a gama de escritores de periferia que a partir da virada do século “se apropriou de certos significados do termo marginal, desenvolveu uma consciência comum e dá respostas conjuntas aos problemas específicos do campo literário desta época” (Nascimento, 2006, p. 18).

Embora as conclusões da pesquisadora já tardem mais de uma década e ela situe localmente a emergência da literatura marginal que investigou – ela própria reduzindo à “marginal” o matiz “periférico” de sua duplicidade – há ainda contradições significativas na depuração da ideia e na sua própria concepção original, bem como o acúmulo de incorporações e borrões em seu desdobramento cujo excesso oriundo colabora com a divergência de pensamento em relação ao conceito de literatura marginal. Nesse preâmbulo, a noção de literatura marginal – subtendida-se periférica – é conceito ainda em debate escavatório de seus sentidos e limites teóricos.

Problemáticas historicamente consistentes: a deriva conceitual

Em sua tese, defendida em 2011, Mário Augusto Medeiros da Silva retomou o debate em duas frentes, trazendo para o centro das preocupações teóricas tanto a questão negra, quanto à questão marginal:

As Literaturas Negra e Marginal serão tratadas aqui como ideias. Não são confecções literárias suficientemente sistematizadas e sobre as quais haja um consenso analítico razoável para serem denominadas por conceitos, embora muito citadas, defendidas ou atacadas. Todavia, também são mais que categorias explicativas de análise, como ferramentas que sirvam apenas para elucidar um problema maior. Elas, em si, já se constituem em *problemáticas historicamente consistentes* (Silva, 2011, p. 19, grifo nosso).



Embora a discussão sobre a literatura negra – relevante em extremo vigor – se localize indissociável ao problema geral, detemos nossa atenção, prioritariamente, na órbita do marginal e do periférico. A evidência, para o momento de publicação da pesquisa, de “problemática historicamente consistente” é, para além de fato histórico, o marco sociológico de um território em plena expansão especulatória.

Conforme o pesquisador tratou a questão, se uma década atrás exalava o ardor de uma ideia, em nosso tempo hodierno, a urgência de consolidação teórica impulsiona a expropriação da ideia meramente de categoria explicativa para a órbita da extensão conceitual, com arcabouço suficiente – desde produção literária, fortuna crítica, dados históricos, apontamentos dissertativos, teses e análises de sua estética dessa especificidade literária – para materializá-la definitivamente na classe dos conceitos.

A legitimação do campo conceitual em torno dessa ideia-força torna-se plausível na própria produção de Ferréz (2005, p. 10), escritor já consagrado, mas que fundamentalmente em seus textos críticos, a exemplo o manifesto “Terrorismo literário”, circunda os termos da questão e situa o território da literatura que produz: “Literatura de rua com sentido sim, com um princípio, sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte”.

Nascimento (2006, p. 15) salientara que o projeto estético de Ferréz, que se apropriou da “terminologia literatura marginal” para auto-implicá-lo e legitimá-lo, parte conscientemente da representação de seu contexto social: “à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, dos centros geográficos das cidades e da participação político-social”.

Alejandro Reyes Arias (2011, p. 7), que discutiu a mesma questão em sua tese, *Vozes dos Porões: a literatura periférica do Brasil*, circunscreve o projeto estético de Ferréz a partir do horizonte intencional e provocativo referendado pelo próprio escritor periférico: “assim, o termo ‘literatura marginal’ reivindica o lugar no universo literário daqueles que estão nas margens, identificando-se como tais, ao invés de ignorar a procedência e o lugar a partir do qual se fala”.

Fruto de suas pesquisas *in loco*, ao se aproximar do circuito de saraus encadeado pela Cooperifa que se desdobrou numa rede suficientemente organizada de ações literárias, oriundo de um protagonismo encabeçado pelos próprios artistas marginais e periféricos, Arias (2011, p. 7) sintetiza, em sua visão, que

A diferença, agora, é que essas representações são feitas pelos próprios protagonistas: uma autonarrativa dos próprios sujeitos, com a implícita ou, às vezes, explícita pressuposição de que só através dessas vozes é possível transformar esses produtos culturais em fiéis veículos para a compreensão dessa alteridade.

Medeiros também aponta o mesmo direcionamento. Diz o sociólogo que a partir da produção literária e do ativismo militante encabeçado por Ferréz “anuncia-se – num certo sentido – a ideia de um projeto, em que se formula a indissociabilidade entre o vivido e o narrado, cujo apego não se dá no plano passageiro” (Silva, 2011, p. 105).

Cabe aqui o conceito de “artista-cidadão”, a serviço de sua comunidade, cunhado pelo poeta Sérgio Vaz, no *Manifesto Antropofágico da Periferia*. Artista que, consciente tanto de



sua marginalização social e territorial, engendra seu ativismo comunitário e sua atividade estética por meio da palavra literária.

Como ponderado pelo crítico literário João César de Castro Rocha, há no lastro dessa estupefaciente experiência literária o fundo de um imaginário que o estudioso nominou de dialética da marginalidade, que “permite ao marginal projetar a sua voz, a fim de articular uma crítica inovadora das raízes da desigualdade social” (Rocha, 2006, p. 172), em que, para surpreender a força avassaladora da exclusão, a “alternativa, portanto, é converter a violência cotidiana em força simbólica, por intermédio de uma produção cultural vista como modelo de organização comunitária” (Rocha, 2006, p. 176).

O dilema coletivo transparece como o dispositivo nuclear da produção literária marginal e periférica, todavia são os próprios atores periféricos que tomam protagonismo da cena teórica e atuam no palco de interpretação, elucidando os mecanismos de exclusão social.

Para tanto, a escritura marginal e periférica subtende, desde o princípio, o caráter marginal das produções, sob o istmo de

Marginalidade compreendida como participação desigual e subalternizada no sistema social e literário, em sua forma produtiva (no que tange aos recursos), distributiva (enquanto acesso a um público) e de consumo (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação (Silva, 2011, p. 51).

A diegese, no âmago dessas narrativas, parte de uma ideia coletiva de narrativização do espaço social da periferia, uma recorrência na vida ativa dos escritores periféricos, como sujeitos autorreferenciados, narradores de suas produções estéticas, “quase todos criadores de algum movimento cultural e ativistas na cena pública” (Silva, 2011, p. 9). O que comporta uma visão de mundo com uma potente rede de organicidade que leva a uma consciência coletiva e compartilhada pelo grupo, com laços de pertencimento que, tanto na forma, quanto na temática, conformam uma dispersão produtiva na diegese.

Como Arias assevera, em termos de relações de força que conformam a legitimidade do campo literário, a disputa conceitual em prol de produção, circulação e teorização de uma literatura marginal e periférica,

explícita, portanto, uma diferença: não é a mesma coisa escrever do ponto de vista do favelado, periférico, marginal, que do ponto de vista da classe média, e essa diferença tem de ser reconhecida e salientada, inclusive porque é essa diferença o que possibilita um olhar aguçado sobre a doença do país e do mundo (Arias, 2011, p. 7).

É preciso deslocar a atenção dada à literatura produzida no centro para a literatura produzida na marginália, um movimento de divergência contra o literariamente estabelecido e, ao mesmo tempo, de convergência entre as diversidades literárias. Esse movimento deve singularizar o como a literatura vem sendo deslocada de um lugar construído socialmente com as insinuações de superior e erudito, para ser devolvida ao povo através da prática das ruas e da arte compartilhada.

Arias (2011, p. 13) advoga por um tipo de experiência hermenêutica que pela dificuldade de nomeação e delimitação teórica é mais significativo concentrar primeiro no



fenômeno, visando esboçar os traços gerais, e posteriormente, quando a ideia externalizar clareza e forma, enfim, “nomeá-lo, com o uso de um termo provisório, sem dúvida arbitrário e inevitavelmente problemático”.

Em termos de uma radiografia territorial, Arias (2011, p. 13) sintetiza da seguinte maneira:

Literatura feita por escritores oriundos de espaços ou territórios subalternos: marginalizados, oprimidos, explorados ou de diversas formas excluídos. Além disso, trata-se de uma literatura urbana, à diferença do que seria, por exemplo, uma literatura indígena camponesa — oriunda, também, de espaços subalternos. Em particular, no caso do Brasil, é uma literatura produzida por escritores oriundos de favelas, periferias urbanas e prisões.

No que circunscreve a intencionalidade política desse fenômeno estético, pondera:

Ao mesmo tempo, trata-se de uma literatura com forte vinculação a um projeto político que vai além da própria literatura — como os saraus e as muitas iniciativas organizativas autônomas do movimento cultural periférico — ou, pelo menos, com um engajamento comprometido com as condições sociais de marginalização e opressão (Arias, 2011, p. 13).

Quanto ao componente estético, formal e conteudista, apreende o fenômeno nas raias da seguinte dimensão formal-temática orbitada:

uma temática com frequência voltada para a realidade de vida das populações subalternas, marginais ou marginalizadas e para questões como o crime, a violência, a desigualdade, as drogas, o desemprego, a opressão; uma literatura de cunho realista, raras vezes introspectiva; uma linguagem onde a oralidade das periferias urbanas, favelas e prisões se faz presente de diversas formas. Finalmente, pode-se dizer que muita desta literatura tende a apagar — ou embaçar — as fronteiras entre os gêneros literários: romance, memória, autobiografia, crônica, reportagem, testemunho, etnografia (Arias, 2011, p. 13).

E que leva a algumas indagações fundamentais no âmago do escrevente marginal e periférico: de que forma, implementando quais estratégias, o escritor marginal e periférico conseguirá ser ouvido a partir do que produz? Ou melhor, como atingir algum público leitor se não há uma política de edição, publicação e difusão democraticamente acessível? Ou ainda, como desestabilizar o cânone e atingir a consagração literária, se não há uma política de inclusão, legitimação e consumo das diversas literaturas oriundas das inúmeras formas do fazer literário?

Literatura marginal e periférica

A singularização de uma história da literatura orientada para os territórios socioambientalmente vulnerabilizados pode partir da implementação de estratégias, mecanismos, e instrumentos que importem o revigoramento e a atualização do conceito através



da justaposição dos termos [marginal] e [periférico], com o acréscimo da conjunção aditiva [e], ou mesmo em sua supressão, com o acréscimo por silepse, associando e adensando as ideias de marginalidade e periferia, entendendo como: 1) “marginalidade”, a ação, de natureza coletiva, de “assumir controle da própria imagem [literária], expressar-se com a própria voz” (Rocha, 2006, p. 170); e 2) “periferia”, a ligação direta e específica ao local de origem, produção e atuação das vozes marginalizadas: os territórios vulnerabilizados.

De um lado, a expressão social, cultural e literária, isto é, a oralitura daqueles escrevintes à margem da sociedade: os marginalizados e excluídos; de outro, o componente geográfico, localizador, situacional, heterotópico, de onde levantam a voz poética de suas expressões artísticas: os criadores periféricos, “reivindicando as particularidades locais, tanto no conteúdo quanto na forma, visibilizando e valorizando formas de vida ignoradas, folclorizadas ou criminalizadas pelos discursos hegemônicos e pela mídia, assim como a linguagem, com a sua poética urbana e popular” (Reyes, 2011, p. 16).

Abre-se um campo extenso da experiência estética sobre o fazer literário, oriundo, por exemplo, das performances da oralitura, conforme abordadas por Leda Maria Martins, em sua obra seminal *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*, que instaura um movimento de expansão crítica sobre a poética da oralidade. Nesse contraponto, então, Martins (2003 p. 77) nos diz que diante dos atos de fala e de performance

[...] denominei *oralituras*, matizando na noção desse termo a singular inscrição cultural que, como (*littera*), cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu calor de *litura*, rasura’ da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas.

A estudiosa, portanto, destaca a performance como um ritual em um leque dinâmico dos saberes memoriais das oralituras, incluindo por “aderência modal, ritos, performances do cotidiano, cenas familiares, atividades lúdicas, o teatro, a dança, processos do fazer artístico [...]” (Martins, 2003, p. 65). A pesquisadora nos instiga a repensar as performances em rede, em que nessa epistemologia, “[...] esse sistema organiza-se mais dinamicamente, não mais pelas relações de disposição no continuum, mas sobretudo pelas interações ali processadas” (Martins, 2003, p. 65).

Nessa rasura da *littera* epistemológica, frente ao campo dos estudos da performance, cabem os programas de residência artística como a favelofagia, um coletivo literário e uma editora sem fins lucrativos, em cuja emergência de sua episteme a “expressão sinaliza o ato de se alimentar da favela, das ideias, das experiências vividas e dos pensamentos surgidos nesses espaços, mas também se alimentar do outro, do próximo, do diferente, do desconhecido” (Loria, 2019, p. 8). Projeto de residência que insurge no complexo de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro, em 2015, com clara demarcação do lugar de fala, visando a criação de um novo cânone literário a partir da favela e da promoção de autores da periferia que corporificam uma perspectiva contra-hegemônica pela/na presença viva de suas vozes.

Cabe também o circuito literário das quase 30 comunidades do SLAM-MG, integrando a poética do Slam “que possui uma íntima relação com a cena cultural do Hip Hop, ocupando espaços urbanos para a realização de eventos” (Souza *et al.*, 2022, p. 82), e sua extensa produção, circulação e recepção estético-políticas, como também uma expressiva história literária sobre a transfiguração das heranças poéticas inauguradas pelo ZAP Slam, o Cooperifa



e o 1daSul, integrantes da cena paulista de performance de sarau, concretizadas em suas periferias desde 2001.

Cabem ainda os saraus das periferias de inúmeras regiões brasileiras, a exemplo dos saraus de Brasília, “reuniões semanais, quinzenais ou mensais [...] para declamar poemas próprios ou de outros frequentadores em espaços públicos (geralmente bares) por duas ou três horas sob uma estrutura simples que consiste em um microfone e um amplificador” (Tennina, 2020, p. 640), que a partir de uma heterotopia, “subversão da ordem estabelecida” (Tennina, 2020, p. 640), deslocam as narrativas historicamente silenciadas e as colocam em evidências em lugares ressignificados e alternativos – as regiões administrativas, periféricas e marginalizadas – a partir da performance produzidas pelos espaços declamatórios, como é o caso do Sarau-VA (Ceilândia), Sarau Tribo das Artes (Taguatinga), Sarau do Beco da Cultura (Taguatinga), Sarau Complexo (Samambaia), Saraubuntu (Recanto das Emas), Sarau Okuparte (Paranoá), Guerra do Flow (Planaltina).

Cabe o amplo espectro contestatório dos processos de canonização do campo de poder formalizado pelo espaço literário, por vigorar contaminado com os arranjos da teoria literária tradicional, amarrada a uma estrutura de formalização que estatui formas de exclusão e distinção com o que inicialmente se estabeleceu como marginal no contexto literário brasileiro, ainda estagnado em textualidades de natureza escrita e, conseqüentemente, não contempla as especificidades dos fazeres literários produzidos em territórios marginalizados, dentre os quais, a efervescência literária oriunda dos grupos periféricos.

Vale citar o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do Conhecimento sobre Literatura Marginal - NEOLIM, institucionalizado na Universidade de Brasília (UnB), mas que agrega gama diversa de pesquisadores – universitários, ativistas culturais, poetas – que, em parceria com o Coletivo *Poesia nas quebradas*, visam pesquisar, difundir e promover a inclusão da diversidade literária marginal e periférica, mais detidamente a literatura do movimento Hip-hop, produzida no Distrito Federal. O grupo de pesquisa recentemente publicou o livro *Vozes e escritos do gueto: trilhas e trajetórias da literatura marginal do Distrito Federal* (2023), no qual discute a cena literária a partir da cosmovisão do Hip-hop.

Também, o lançamento da primeira e segunda coletâneas, *Poesia nas quebradas: poesia marginal e literatura periférica* e *Poesia nas quebradas: literatura marginal*, organizado por Ravena Carmo (2019, 2021), originadas de um trabalho pedagógico-literário numa unidade socioeducativa, que potencializou autorias de um público que sofre grave exclusão social, a viver estigmatizado sob o selo de menor infrator, com textos de apenados do sistema prisional da Papuda e Cascavel (unidades prisionais de Brasília-DF), e ampliou a divulgação do trabalho sobre a literatura marginal e periférica.

São experiências teórico-críticas que, numa guinada contraproducente à perspectiva tradicionalista centrada na literatura canônica e incondicionalmente no texto impresso, corresponde a um amplo e caudaloso território em expansão contínua que, embora exortado nas pesquisas seminais de Nascimento, Aryas e Medeiros, aguardam a amplitude persecutória de sua compreensão, como por exemplo, uma história literária das editoras independentes, entre as quais, aquelas que visam a publicação e distribuição gratuita de conteúdo produzido pelo público mais invisibilizado, visto que as práticas quilombistas dessas publicações se aproximam de feitos como o dos Cadernos Negros, ao trazer para a cena novos agentes e produtores literários.



São exemplos pontuais das formas diversas e legítimas do fazer literário, “um fenômeno movediço, ambíguo, com fronteiras mutáveis e permeáveis, cuja riqueza reside, justamente, nessa organicidade” (Reyes, 2011, p. 14), em plena produção, performance, circulação e historicidade, que aguardam o mapeamento, o avanço na teorização, sua consolidação no campo dos conceitos, e sua exploração, seu relato, sua explicação na visada de uma história da literatura ou história literária.

História da literatura ou micro-histórias?

A prática investigativa que na historiografia da história surgiu com o nome de micro-história, lançou suas bases metodológicas no segundo quartel do século XX, fundada pelos historiadores italianos Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. Esse método não refuta a natureza fictícia da fonte, mas propõe a costura historiográfica a partir do elemento construtivo, extraindo a história possível do acervo documental.

O método, em detrimento de seu caráter condensado, exige um trabalho heurístico minucioso na exumação do manuscrito, conforme Giovanni Levi pontua: “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (Levi, 1992, p. 36).

A redução e a exigência de uma descrição densa dizem respeito ao rompimento com a construção interpretativa da narrativa histórica tradicional crente na apresentação do fato como realidade objetiva.

Essa posição tradicional vem sendo refutada pela historiografia mais recente e também pelos estudos literários, como expresso por Antoine Compagnon, no capítulo *A história*, do livro, *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, asseverando que no tempo hodierno, diferentemente transvasa uma outra relação na medida em que se enxerga a operação historiográfica quase justaposta à natureza do discurso literário. Compagnon (2010, p. 219) coloca a questão de que não se crê mais na distinção entre literatura e história, uma vez que o passado para

[...] toda uma série de teóricos da história, não nos é acessível senão em forma de textos – não fatos, mas sempre arquivos, documentos, discursos, escrituras – eles próprios inseparáveis, acrescentam esses teóricos, dos textos que constituem nosso presente.

Algo de residual liga, em termos de procedimento, ambos os discursos, uma vez que tanto o historiador quanto o teórico de literatura lidam com textos. E no relato de suas considerações, isto é, na urdidura compreensiva e interpretativa, constroem ficções: “a história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura” (Compagnon, 2010, p. 219).

Nessa instância, em que a história se compreende como literatura tende-se “[...] a abolir a barreira do dentro e do fora que estava na origem de toda crítica e da história literária, e os contextos não são eles mesmos senão construções narrativas, ou representações, ainda e sempre, textos” (Compagnon, 2010, p. 220). Textos que, de diversas naturezas, são espalhados na mesa de trabalho para serem, numa primeira etapa, manipulados, observados, interrogados,



comparados e, num estágio posterior, costurados na operação narrativa, cujo tecido que liga essa costura se abastece de ficção.

Esse é um tipo de exercício que se aproxima muito da prática da micro-história, na medida em que a elaboração da diegese exige que o historiador participe do processo. O caráter subjetivo, ainda que demarcado, é controlado na operação historiográfica, valendo-se da construção de um relato que no processo relaciona tanto o sistema de pensamento do qual o pesquisador se vale, quanto o diálogo com o leitor, sob o crivo do caráter interpretante da evidência documental.

O método analítico que Carlo Ginzburg denomina de paradigma indiciário, conjectural ou venatório e para o qual delinea suas bases como fundamento da micro-história, centra-se sobre os resíduos, sobre os dados marginais, sobre um traço geralmente ínfimo e específico em que “[...] minúsculos detalhes proporcionam a chave para uma realidade mais profunda, inacessível por outros métodos” (Ginzburg, 1983, p. 98).

Assim, partindo desse tipo de análise, Ginzburg assevera que é possível enredar na ficção da forma narrativa os aspectos gerais em torno dos vestígios textualizados, até mesmo estabelecer na natureza desse espaço pontualmente detalhado o universo mental de toda uma época.

Prólogo: micro-história literária da literatura marginal e periférica

Diferentemente da terminologia micro-história de uso detido na historiografia da história, mais especificamente desde as décadas de 1960-70 do século passado, desconhecemos a divulgação do uso da expressão “micro-história literária”, com o adjetivo [literária] justaposto ao substantivo [micro-história] como expressão única nos meios científicos afins ou propriamente nos estudos literários, como proposta de investigação histórico-literária.

Assim, os princípios basilares da micro-história, fundamentados por Carlo Ginzburg (em conjunção com os apontamentos de Giovanni Levi, seu primo), se instrumentalizam como procedimento teórico-analítico para a compreensão do modo diegético costurado num espaço detido.

Assim, no que tange à micro-história evocada como procedimento de uma história literária, ou melhor, de uma micro-história literária, e no que tange à literatura propriamente reconhecida em seu posicionamento de instituição literária como o espaço ocupado pela *poièsis*, bem como a contestação de seu território, em prol da multiplicidade literária, não se trata de eliminar os limites entre um domínio do saber e o outro a partir da conjugação de ambos no elemento da ficção (Compagnon, 2010).

Por outro lado, trata-se de salientar o elo que liga o caráter das fontes, isto é, dos diversos e divergentes documentos literários produzidos em territórios socioambientalmente vulnerabilizados com o exercício de interpretação literária na exegese do texto com a finalidade de extrair dos acervos contidos no micro-espaço territorial, um universo mental sobre as manifestações literárias de caráter marginal e periférico, na perspectiva de uma micro-história, por isso, uma micro-história literária da literatura marginal e periférica.

Como o próprio Ginzburg ressalta o procedimento com o elemento construtivo, “[...] o texto é uma entidade, profunda e invisível, a ser reconstituída através e para além dos dados sensíveis à disposição [...]” (Ginzburg, 1983, p. 106). Nesses termos, considerando a multiplicação das histórias parciais e a heterogeneidade das cronologias que geram contradições



nos relatos históricos, o uso do paradigma indiciário como elemento construtivo para a narração e a explicação de uma história da literatura marginal e periférica cujas fontes instalam sua temática e sua forma numa dimensão de caráter micro e localizado, se imbuí, a nosso ver, de procedimento válido para o investimento numa abordagem histórico-literária.

Assim, a investigação histórica da literatura com esses contornos, marginal e periférica, possui consciência plena daquilo que o poeta Sérgio Vaz (2019) assinalou no *Manifesto da Antropofagia Periférica*: “A arte que liberta não pode vir das mãos que escraviza”. Como Vaz educa, essa arte justamente promove historicidade na medida em que é a favor “Da poesia periférica que brota na porta do bar”, “Da literatura de rua despertando nas calçadas”, substancializando “A Periferia unida, no centro de todas as coisas”. Uma verdadeira poética da sobrevivência, da resistência, da reexistência.

Urge somar forças epistemológicas e ocupar os espaços de teorização para compreender, de fato, e *in loco*, a história da literatura marginal e periférica produzida nas quebradas, isto é, suas micro-histórias que, somadas, engendram significativa experiência estética no grande livro da literatura. Como tomada política e criteriosa do direito à literatura como Candido (2011, p. 176) salientou uma síntese preliminar, isto é, “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, é preciso explorar e dilatar esse primeiro e importante marco definatório, e pensar a produção literária marginal e periférica, não apenas no campo da ficção e da poesia, mas também na órbita das oralidades, oralituras, narrações e tradições populares, literárias periféricas, slams, grupos de teatro de rua, batalhas de rima, por meio da e pela voz, no e pelo corpo, em performances poéticas-políticas, e também no espaço da crítica especializada, da formulação dos estudos teóricos, da pesquisa de campo, da interpretação e absorção analítica do ativismo cultural e artístico-literário, potencializando novas análises que extrapolem o circuito da literatura de centro e, tangencialmente desenvolvam a exploração das literaturas produzidas no território marginal e periférico, integrando-as definitivamente no rol das literaturas divergentes e contraproducentes ao cânone.

Parafraseando Ferréz e tocando no ponto liminar: uma verdadeira apoteose que reflita sobre a literatura da periferia feita por gente da periferia e ponto final.

Referências

ARIAS, A. R. **Vozes dos porões**: a literatura periférica do Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Hispanic Languages and Literatures) - University of California, Berkeley, 2011. Disponível em: https://escholarship.org/content/qt6tn3622m/qt6tn3622m_noSplash_bce0163b47bf308d30592b1ce3998443.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CARMO, R. (org.). **Poesia nas quebradas**: poesia marginal e literatura periférica. Brasília: [s. n.], 2019.



CARMO, R.; GOMES, A. (org.). **Poesia nas quebradas**: literatura marginal. Planaltina: Edições Kisimbi, 2021. v. 2.

CARMO, R.; SOUSA, M. do A. de; FRANCO, P. G. (org.). **Vozes e escritos do gueto**: trilhas e trajetórias da literatura marginal do Distrito Federal. Brasília, DF: Avá Editora, 2023.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. *In*: ECO, U; SEBEOK, T. A. (org.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. Tradução de Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1983. p. 89-129.

LEVI, G. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-162.

LORIA, L. A favelofagia: a criação de um novo cânone literário a partir da favela. **Navegações**, Rio Grande Sul, v. 12, n. 1, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2019.1.31768>

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>.

NASCIMENTO, É. P. do. **'Literatura marginal'**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em antropologia social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 4 fev. 2024.

ROCHA, J. C. de C. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: "A dialética da marginalidade". **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 32, p. 23–70., 2006. DOI: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>. Acesso em: 4 fev. 2024.

SILVA, M. A. M. da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2011. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374779/mod_resource/content/0/Medeiros_Insolito_Lit_negra_e_periferica.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.



SOUZA, L. E. R. de A.; COSTA, C. C. O.; CAVALHAIS, T. R.; CARVALHO, F. F. *O circuito cultural do SLAM MG: produção, circulação e recepção literária pelas margens da literatura mineira contemporânea. Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 1-17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.55702/3m.v26i49.50558>.

TENNINA, L. As Brasília dos saraus das periferias: imagens além do cartão postal. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 635-652, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/revmar.2020.46624>.

VAZ, S. Manifesto da Antropofagia periférica. *Vermelho a esquerda bem informada*, São Paulo, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

